

Vestuário sobe 16% no Estado em 2022 e tem a maior alta desde 1944

# Setor de vestuário fecha o ano com maior inflação desde 1994

Preços de roupas e acessórios avançaram quase 16% na região metropolitana de Porto Alegre e 18% no país, em 2022

RAFAEL VIGNA

Rafael.vigna@zerohora.com.br

Os dados da inflação oficial do país mostram que, entre os grupos avaliados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maior variação de 2022 ficou por conta do vestuário, com alta de 18,02%, ou seja, mais de 12 pontos percentuais acima do índice geral, de 5,79%, em igual período.

Na Grande Porto Alegre (que serve de referência para o RS no indicador), a situação é semelhante e a elevação fechou o ano em 15,9%, a maior já verificada desde o início do Plano Real, em 1994. Antes, só havia chegado a dois dígitos em 2003 (11,7%). Em razão das estações bem demarcadas e da sazonalidade das compras no Estado, esses itens pesam mais no cálculo do indicador por aqui do que no restante do Brasil.

Na Região Metropolitana, as linhas masculinas avançaram 18,81%, as femininas, 16,44%, e as infantis, 15,42%. Entre os produtos, agasalho feminino (26,12%), agasalho infantil (25,54%) e bermuda masculina (22,23%) contribuíram para o resultado.

## Entraves

Economista e pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Matheus Peçanha avalia que o comportamento dos preços no setor tem a ver com os entraves de ordens logística e globais gerados a partir da pandemia, ampliados pela guerra na Ucrânia, e que acabaram por trazer reflexos mais acentuados no ano passado. Ele lembra que a indústria têxtil sentiu com mais força as pressões e, hoje, tem fatores acumulados de impacto nos preços.

– As matérias-primas ficaram mais caras. Fios de algodão, lã ou sintéticos chegaram a ter custos 20% maiores entre 2020 e 2021, em razão da quebra das cadeias logísticas. Isso sem falar nos demais custos, como energia e combustíveis, que afetam todos os setores – resume Peçanha. Economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia

“

Quando há aquecimento da procura, abre-se o espaço para acomodar a recomposição de margem perdida nos últimos tempos por um setor que foi fortemente afetado durante a pandemia. Em 2022, vivemos o ano mais normal desde 2019 e serviu para ajustar algumas coisas, entre elas, os preços capazes de estancar a pressão sobre as margens dos lojistas da indústria.

PATRICIA PALERMO

Economista-chefe da Fecomércio-RS

Palermo acrescenta que, para os gaúchos, as consequências tendem a ser mais presentes. Isso acontece, segundo ela, pelo perfil de consumo diferenciado, demarcado pela aquisição de peças de maior valor agregado, caso dos casacos, blusões, jaquetas e roupas de inverno.

– No Estado, gasta-se mais, historicamente, por causa do tipo de produto consumido. Significa que, quando há aumentos semelhantes para o vestuário no país, sentimos mais – analisa Palermo.

A economista chama a atenção para um aspecto mais ligado ao viés da demanda, que se estabelece com a maior mobilidade urbana após dois anos com restrições de funcionamento no comércio. Ela cita levantamento da entidade com empresas de menor porte que alegavam não terem repassado a totalidade dos aumentos de custos identificados desde 2020.

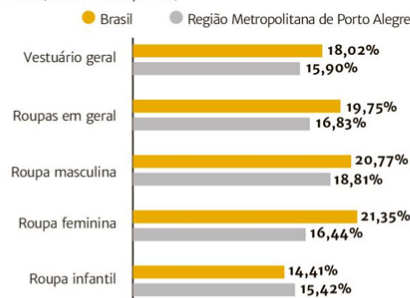
– Quando há aquecimento da procura, abre-se o espaço para acomodar a recomposição de margem perdida nos últimos tempos por um setor que foi fortemente afetado na pandemia – avalia.

Oscar Frank, economista-chefe da CDL Porto Alegre, concorda e diz que, nos momentos mais críticos das restrições sanitárias, foi preciso segurar preços. Agora, diz, ocorre processo para reequilibrar o setor, em meio à retomada consistente das vendas físicas no varejo.



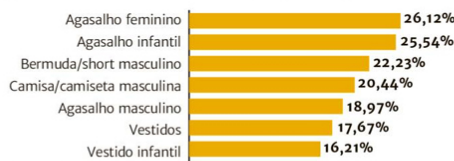
## A variação

Alta de preços relacionados a vestuário no país e na Grande Porto Alegre em 2022 (dados do IPCA, em %)



## MAIORES ALTAS EM PORTO ALEGRE

(por produtos no IPCA acumulado do ano, em percentual)



Fonte: IBGE

“

As matérias-primas ficaram mais caras. Fios de algodão, lã ou sintéticos chegaram a ter custos 20% maiores entre 2020 e 2021, em razão da quebra das cadeias logísticas. Isso sem falar nos demais custos, como energia e combustíveis, que afetam todos os setores.

MATHEUS PEÇANHA

Economista e pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV)

## Expectativa de mais repasses

Dono da Via Condotti, o economista Carlos Klein avalia que, com a pandemia, além da demanda reprimida, a alta do dólar fez com que a proporção de 50% dos itens comercializados e, antes, importados da China, se alterasse. Na empresa de Klein, que administra três pontos em shoppings de Porto Alegre e Canoas, 40% dos produtos são de linhas multimarca e 60% têm origem na fabricação própria, via parceria com indústrias, o que permite que ele acompanhe de perto tanto as pressões de matéria-prima (oferta) quanto as do varejo (demanda).

Nesse aspecto, segundo ele, as fábricas nacionais, a partir de 2022, passaram a ser mais requisitadas, mas ainda não conseguem atender a atual necessidade do mercado doméstico. No ano passado, lembra, alguns produtos como ternos foram substituídos da linha multimarca da Via Condotti para a de fabricação própria.

– Boa parte explica esse aumento de preço. Nas encomendas da China, por exemplo, hoje segue difícil de fechar um pedido, em razão de ser preciso fazê-lo com muita antecedência – conta Klein.

Diante do cenário, o empresário antecipa que o pico de repasse de custos ainda não foi alcançado. Isso porque as compras de inverno já começaram e os preços persistem em elevação. Além disso, os estoques de 2023 estão “praticamente” zerados, avalia, diferentemente do ano passado, quando eram vendidos itens repassados que não tiveram saída em 2020 e 2021, por conta do cenário desfavorável para o segmento.

– O que vemos para o inverno é que ainda terá aumento de preços. Assim como as lojas, muitas fábricas e importadores ainda contavam, em 2022, com estoques altos guardados e conseguiram amenizar mais a elevação de preços por essa razão. Agora, todos partem do zero e as compras para a estação mais fria continuam caras.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Impacto no RS Pagina: 8